

## R E S E N H A

**Fenêtres.** Jean-Bertrand Pontalis. Paris: Gallimard, 2000. 172 p.

Tania Rivera

“Mudar de ares”. Tal é o convite que Jean-Bertrand Pontalis faz ao psicanalista em seu mais recente livro *Fenêtres. Janelas* são pequenos ensaios acerca de palavras, cenas, sessões, traços, constituindo uma espécie de *vocabulário privado* desse psicanalista ímpar, conhecido principalmente pelo *Vocabulário* escrito com Jean Laplanche, mas também por suas atividades como editor da *Nouvelle Revue de Psychanalyse* e como ficcionista (autor de vários romances).

A partir de termos psicanalíticos como “censura” e “corte” ou palavras como “sabotagem”, “janela”, “lágrimas, soluços”, Pontalis apresenta curtas reflexões — por vezes, pequenos contos — onde a teoria psicanalítica se entrelaça a lembranças, leituras, interpretações. Janelas vão se abrindo, assim, sobre paisagens e cenas variadas, arejando o consultório do psicanalista e o convidando ao passeio, à associação livre, à *travessia* que, para Pontalis, é o cerne da análise (Em *Ce Temps qui ne Passe Pas*, também publicado pela Gallimard, em 1997): trânsito entre as palavras, entre analisando e analista, entre passado e presente, entre Psicanálise e Literatura.

É num tom íntimo e franco que o psicanalista nos confia uma frase que morre de vontade de dizer a determinado analisando (mas se impede prudentemente de fazê-lo), defende sua posição acerca de questões como a de atender pacientes face a face ou confessa, com singeleza e força ao mesmo tempo, sua necessidade de “gostar” de seus pacientes. *Fenêtres* está longe, porém, de consistir em uma série de confidências de um psicanalista. É com poesia e força que Pontalis descreve simples e belamente, em

**Documentos** . Revista do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, ano VII, n.18, nov.2001.

uma de suas janelas, o célebre jogo do *fort/da*, por exemplo: “Certeza: uma mãe desaparece, uma mulher desaparece, eu desapareço. Tormento: retornarão?”

O que poderia parecer uma obra desprezível revela-se sofisticada e poderosa, no decorrer da leitura. Pois *Fenêtres* representa uma tentativa de acompanhar a própria corrente da língua e re-inaugurar os movimentos por ela produzidos. Segundo Pontalis, “a língua tem seu próprio fôlego, ela é móvel; e, rica ou pobre, ela pode tudo dizer; ela é encontro com o inusitado”. Trata-se, nesse livro, justamente de recolocar em movimento as palavras, amiúde fixadas, tornadas rígidas, paralisadas em dogmas, de forma que se possa reencontrar o estranho.

“A análise é talvez, com o amor, a única experiência que põe alguém ‘fora de si’”, afirma Pontalis. Ele parece esquecer aí a escrita ou a considera tão próxima da psicanálise que nem seria necessário indicá-la especificamente? “Para mim, a escrita e a análise se abandonam, se confiam todas as duas, cada uma à sua maneira, à corrente da língua”. O livro *Fenêtres* surge justo no ponto de encontro entre escrita e análise, não se limitando a apontar a analogia existente entre elas, mas realizando, atualizando tal estranho “encontro”. Pois talvez apenas uma escrita que ponha a Psicanálise *fora de si* possa, por sua vez, re-engendrar a experiência psicanalítica propriamente dita. A obra de Pontalis abre janelas à Psicanálise, pondo-as *fora de si*. E com isso nos incita a recolocá-la em questão, com sua clínica, com sua escrita, com seus fins e limites, que são, ao mesmo tempo, pontos de encontro com seus *outros*, e, privilegiadamente, o seu outro, que é a Literatura.

É principalmente a teorização em Psicanálise que se areja. Pontalis mostra magistralmente que o escrito pode, por assim dizer, tornar sensível ou imitar, reproduzir a própria “experiência” da análise, o que a torna única e distinta de qualquer teoria. Duro golpe sobre o procedimento, tão comum entre nós, psicanalistas, de defender e justificar noções por meio de argumentos e complicadas manobras conceituais (mescladas, eventualmente, a questões institucionais ou “políticas”). Pontalis não

**RESENHA: Fenêtres, Jean-Bertrand Pontalis.** Tania Rivera, p.49-51.

esconde sua desconfiança em relação ao conceito e afirma que ele pode levar a uma verdadeira “tirania”, aludindo talvez à existência de uma dimensão política da teoria (questões conceituais não estariam freqüentemente mescladas a questões institucionais?). É com esse espírito que aponta, ainda, nos congressos de psicanálise, uma função de “instância coletiva de recalçamento” e trata com ironia uma notícia (antiga e incerta, mas tão atual...) de denúncia de plágio, na sessão intitulada “Roubaram meu conceito!”.

Mais do que um emaranhado de notas, eruditas ou simples, literárias ou clínicas, visando reafirmar uma teoria, confirmando-a ou transformando-a, o que se encontra em *Fenêtres* são sobretudo *clareiras*. “Clareira: luz, frágeis raios de sol através das folhas, abertura, mas abertura à cavidade oca do que muito tempo permaneceu opaco.” Após travessias laboriosas tanto quanto efêmeras, uma clareira se abre para o autor, já que não guarda para si sua palavra: “em minhas clareiras, eu nunca estou só”.

Através das clareiras de Pontalis, a psicanálise e sua escrita são re-impulsionadas a uma travessia incerta e bela, que convoca o leitor a se movimentar, acompanhando as palavras, que são “viajantes em todos os sentidos”, e em sacudidelas a retrazar múltiplos e infindáveis caminhos.

Tania Rivera

Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil, Doutora em Psicologia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica e Professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília.